

AS CARREIRAS NA CONTEMPORANEIDADE: O DISCURSO DE TEÓRICOS SOCIAIS E O QUE PENSAM OS SUJEITOS CONTEMPORÂNEOS

Fernanda David Vieira*
Marília Flores Seixas Oliveira**

RESUMO: Este artigo buscou investigar a opinião de adultos de um centro urbano brasileiro a respeito da carreira contemporânea, com o objetivo de compreender em que medida os discursos dessas pessoas se aproximam ou se distanciam das características atribuídas à carreira atual por estudiosos da Teoria Social. Mostrou-se relevante abordar o assunto a partir da perspectiva dos próprios sujeitos, vez que importantes teóricos propõem consequências do mundo do trabalho sobre as pessoas, sem considerar o que elas pensam a respeito da questão. Para investigar o tema, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dez informantes. Os depoimentos foram analisados através do método de *análise de conteúdo* proposto por González Rey. Os resultados indicaram que os discursos das pessoas a respeito do mundo do trabalho a qual pertencem são mais otimistas e nem sempre se aproximam dos discursos de teóricos sociais, dando conta de uma complexidade dessa época que a torna difícil de rotular.

PALAVRAS-CHAVE: Carreira; Contemporaneidade; Discurso; Linguagem; Subjetividade.

1. Introdução

Diversos estudiosos da Teoria Social – Bauman (2001; 2005); Lyotard (2000); Jameson (1997); Sennet (1999); Lipovetsky (2005) e Giddens (1991) –, sob terminologias

* Graduada em Psicóloga pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Doutoranda em psicologia pela Universidade Federal da Bahia.

** Professora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas e do Programa de Pós-graduação em Cultura, Educação e Linguagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGCEL/UESB).

diversas para nomear o período contemporâneo, descrevem um modelo teórico explicativo da sociedade que afirmam impactar profundamente os modos de vida dos sujeitos. Para estes autores, a globalização, as novas tecnologias e uma série de outras conjunturas macrossociais teriam sido responsáveis por mudanças substanciais na cultura e no comportamento humano, a ponto de modificar padrões de conduta e de relacionamentos, expectativas, desejos e interesses de vida, muitas vezes com resultados não muito positivos para as pessoas, agora marcadas por uma perene sensação de vazio, por relações superficiais e por um descentramento e perda de estabilidade frequentemente desestruturantes e angustiantes.

O discurso prevalecente entre estes teóricos trata de uma descrição da contemporaneidade como um período caracterizado por uma grande ruptura de um modelo de sociedade mais estável, anunciando sequelas avassaladoras sobre a vida, a carreira e o cotidiano das pessoas. Dentre os diversos impactos elencados, o mundo do trabalho chama a atenção, ao ser apontado como um dos principais fatores responsáveis pelo constante sentimento de angústia dos sujeitos contemporâneos. Nos centros urbanos ocidentais, onde as características desse período são mais facilmente reconhecidas (GIDDENS, 1991; EAGLETON, 1996), os principais efeitos da atualidade estariam evidenciados no ritmo frenético, dinâmico e exigente das novas carreiras.

Um dos pensamentos correntes na Teoria Social é de que esse período histórico é testemunha de mudanças permanentes e significativas para a sociedade, antes marcada por uma previsível estabilidade, linearidade dos eventos e por normas fixas de funcionamento social. No mundo contemporâneo, tais características rígidas e engessadas de antes teriam sido substituídas pela ideia de caos, sensação de deriva, instabilidade e transitoriedade dos meios de sustento, gerando impactos para os modos de subjetivação do sujeito.

Essas consequências descritas acima a respeito do mundo do trabalho contemporâneo, reveladas através do discurso de determinados teóricos sociais, fomentam uma investigação sobre as possíveis congruências e/ou incongruências desse discurso disseminado no meio acadêmico com as ideias e práticas hodiernas das pessoas. Sobre a questão,

algumas perguntas são relevantes, a saber: as transformações significativas do mundo do trabalho nas últimas décadas teriam tido o poder de desestruturar o sujeito, alterando tão drasticamente seu bem-estar subjetivo, como propõem os teóricos citados acima? O trabalho nessa época seria realmente mais oneroso – uma vez que se fala em uma desestruturação progressiva da carreira – do que em períodos anteriores da história? Afinal, o que pensam os homens e mulheres contemporâneos?

Para responder estas perguntas, este estudo teve como objetivo investigar de que maneira o discurso de determinados estudiosos da Teoria Social a respeito de características atribuídas à carreira pós-moderna se aproximam e/ou se distanciam dos discursos de senso comum de adultos da classe média residentes em um centro urbano de médio porte no Brasil. Para tanto, foram realizadas entrevistas com o intuito de verificar práticas, experiências e vivências que são indicativos da construção de sentido dessas pessoas sobre a carreira na contemporaneidade. A partir dos relatos obtidos com os participantes, buscou-se compreender os possíveis impactos de características do mundo do trabalho atual sob os modos como vão se processando e se constituindo o sujeito contemporâneo, balizando os resultados encontrados com as descrições da Teoria Social.

Tendo por base estes resultados, foi também discutido a efetividade de estabelecer posições teóricas que definem previamente o tipo de consequência de se viver nesta época. Tal investigação sobre os efeitos da atualidade para o trabalho humano partiu do interesse por aqueles que habitam o mundo contemporâneo, por acreditar que uma discussão sobre o tema passa, irrevogavelmente, por quem vive neste tempo histórico. Neste ponto, torna-se importante detalhar o discurso dos teóricos sociais, acima citados, no que tange à construção da carreira na atualidade.

2. O discurso da Teoria Social: as incertezas e descaminhos da carreira contemporânea

Sennet (1999) afirma que a marca desta nova face do capitalismo e da sociedade contemporânea perpassa toda pessoa e toda organização, não sendo possível se esconder dos efeitos da contemporaneidade. O autor utiliza a expressão “capitalismo flexível” para

descrever a atual conjuntura. No mundo do trabalho, ataca-se a rigidez e a rotina, impondo aos trabalhadores que assumam riscos, que sejam ágeis, autônomos, pouco dependentes de leis e normas e que estejam abertos a mudanças constantes. Dentro desta lógica, o grande paradoxo da pós-modernidade estaria exatamente na noção de liberdade que a flexibilidade e os riscos permitiriam ao trabalhador, pois, juntamente com as novas demandas, surgiriam novos controles, mais invisíveis, mais poderosos, mais arraigados no cotidiano e na subjetividade dos sujeitos. Os controles dessa era são ilegíveis e difíceis de serem percebidos.

Tantas são as mudanças nesse novo cenário que o próprio significado da palavra trabalho está mudando. Carreira, na língua inglesa, significava, originalmente, estrada para carruagem e, ao se referir às atividades de trabalho, aplicava-se à ideia de um canal linear e previsível para as atividades profissionais durante toda a vida. Em inglês do século XIV, *job* (serviço, trabalho) referia-se a bloco que se podia transportar de um lado para outro. A noção de trabalho hoje se aproxima desse sentido arcaico de *job*, distanciada da ideia de carreira como investimento continuado e estável, um emprego de longa duração (SENNET, 1999). Na atualidade, as pessoas executam trabalhos transitórios, permanecendo por pouco tempo em cada atividade.

Nesta linha, Hall (1996, *apud* Kilimnik, Castilho, Sant'ana, 2006) afirma que no passado o foco dos estudos de carreira eram os cargos e as ocupações dos empregados. Isto mudou e hoje a atenção dos pesquisadores está direcionada para as autoconstruções dos sujeitos a respeito dos fenômenos profissionais, surgindo o interesse por temas como auto-gestão, planejamento pessoal e a construção interna da carreira. A questão é que numa era de desinvestimento público¹ e carreiras autodirigidas, os empregadores transfe-

¹ O desinvestimento público é consequência da política de Estado mínimo, em que há uma redução do papel do governo como agente regulador social e econômico. Essa ideologia está na base do neoliberalismo, que resultou no declínio do *Welfare State*, principalmente a partir dos anos 1980, com a ascensão de Margaret Thatcher e Ronald Reagan aos governos do Reino Unido e dos Estados Unidos, respectivamente. Suas ações de desregulamentação do setor financeiro e desinvestimento na sociedade civil fizeram de Thatcher e Reagan precursores da política neoliberal.

rem, cada vez mais, a total responsabilidade do desenvolvimento profissional na organização para o empregado, se eximindo de investir em onerosos custos empregatícios e em funcionários com habilidades específicas. As pessoas agora precisam ser multifuncionais.

A questão é que, embora a nova ordem seja correr riscos e manter-se aberto às mudanças, as pesadas exigências por um tipo de profissional auto-suficiente acabam por impor um caráter solitário para cada pessoa na busca por sua empregabilidade (MAGALHÃES; GOMES, 2007). Num cenário de enfraquecimento dos sindicatos, fraca identidade ocupacional e Estado não protetor, cada sujeito é obrigado a gerenciar sua própria vida profissional e oferecer habilidades e atitudes descritas como “adaptabilidade de carreira”, que se refere às exigências de pessoas flexíveis e em conformidade frente às instabilidades do mercado.

De acordo com Berman (1995), esta época se caracteriza por uma experiência vital e cotidiana, que perpassa toda a vida do sujeito, suas relações amorosas, seu consumo, sua subjetividade, seu cotidiano e sua carreira. E, dentre todos os efeitos do contexto recente, seria no trabalho que os impactos ficariam ainda mais visíveis e claros. Moura (2004) aponta uma pesquisa na qual foi estimado que, ao longo de 45 anos de serviço, uma pessoa chega a gastar 94 mil horas em seu emprego. Por essa razão, as novas exigências do mundo profissional e as pressões submetidas nas atividades laborais acabariam por gerar impactos nos diversos campos da vida do sujeito.

Ferretti (1992), ao discutir a desorientação dos jovens ao se confrontarem com a necessidade de escolher uma profissão, aponta não somente aspectos pessoais, como insegurança e ansiedade, mas compreende esta dificuldade, em grande parte, como proveniente da complexidade do sistema produtivo moderno. Para o autor, a força de trabalho humana assumiu o valor de uma mercadoria como qualquer outra, gerando nas pessoas a sensação de falta de rumo e de incertezas. Sennet (1999) explica que, em tempos de capitalismo industrial, é comum que os trabalhadores não se identifiquem com o próprio trabalho que realizam, uma vez que as excessivas exigências por competências e atitudes ca-

da vez mais flexíveis acabam por divorciar o homem da tarefa que exerce, fazendo de sua força de trabalho somente mais um produto a ser vendido.

Eis, portanto, em linhas gerais, um breve panorama do discurso bastante difundido por teóricos sociais no meio acadêmico a respeito da carreira contemporânea. Embora, ao longo de suas obras, muitos destes estudiosos alertem para a natureza paradoxal e contraditória dos eventos atuais, frequentemente apontam características negativas da atualidade sobre a carreira. Em razão disso, surgiu a questão central deste estudo de investigar de que maneira o mundo do trabalho hodierno realmente impacta a vida das pessoas, a partir das narrativas dos próprios sujeitos, comparando-as com o discurso teórico. Segue abaixo a metodologia que tornou viável este empreendimento.

3. Método

Num primeiro momento, no que concerne às questões metodológicas para a construção de dados, importa detalhar o contexto em que o estudo foi realizado – a cidade de Vitória da Conquista/Ba; a escolha dos informantes – sujeitos pertencentes à classe média com nível universitário –; a definição do instrumento de coleta de informações – entrevistas semi-estruturadas; e a opção pela metodologia de investigação e de análise dos dados – o método de “análise de conteúdo” proposto por González Rey (2011).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, resultado de uma análise das narrativas obtidas através de entrevistas com dez informantes, cinco homens e cinco mulheres, todos residentes em Vitória da Conquista. Optou-se por pessoas da classe média e residentes no centro urbano, uma vez que se trata de um segmento social com condições de incorporar, mais intensamente, o estilo de vida e os elementos associados à contemporaneidade (GIDDENS, 1991; EAGLETON, 1996). O nível de escolaridade também foi definido *a priori* com objetivo de delimitar essa variável e permitir comparações entre os relatos dos informantes, partindo de condições instrucionais e financeiras semelhantes.

Importante frisar que, partindo do objetivo de compreender as construções de sentido de pessoas viventes sob a égide contemporânea, tendo como termômetro o já debatido discurso de teóricos sociais sobre o fenômeno, tornou-se necessário delimitar um foco, uma vez que não é viável investigar todos os sujeitos, em todos os contextos ou em todas as classes sociais. Não obstante, os elementos analisados são relevantes para a compreensão da realidade sob análise, uma vez que os dados obtidos não podem ser separados de seu contexto, ajudando a revelar informações significativas acerca da vida e do cotidiano em um determinado local e em um determinado período histórico, enquanto partes legítimas que auxiliam na compreensão do fenômeno.

3.1. O *locus* da pesquisa: a cidade de Vitória da Conquista

Vitória da Conquista é uma cidade situada no interior da Bahia, na região Sudoeste do Estado. Localiza-se numa área de entroncamento rodoviário, sendo atravessada por três importantes rodovias: a BR 116 (interliga norte e sul do país), a BA 262 (acesso ao leste e oeste da Bahia) e a BA 415 (acesso à BR 101 e ao litoral sul do Estado). Segundo Ferraz (2001), “essa característica de entroncamento é fundamental no processo de construção dessa unidade urbana” (p. 22), uma vez que sua localização estratégica tem influência favorável sobre o desenvolvimento urbano da região, que acaba servindo de ponto de articulação e de circulação para pessoas provenientes de diversas localidades. Além disso, há doze distritos que também fazem parte do município, além de outras cidades que têm Vitória da Conquista como principal centro regional de referência para educação, saúde, economia e transporte.

Esta cidade é o terceiro maior núcleo urbano do Estado da Bahia, estando abaixo, somente, de Feira de Santana e da própria capital, Salvador, no que se refere à densidade demográfica. No ano de 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE²) registrou uma população de 306.866 habitantes. Entretanto, o fluxo contínuo ultrapassa

² *Sítio*: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em : 10 jun. 2012

esse número se forem considerados os moradores de regiões circunvizinhas que estudam, trabalham ou utilizam serviços frequentes no município, mas não residem na cidade.

Em relação ao cotidiano e aos serviços que impactam mais diretamente os moradores dessa cidade, pode-se dizer que Vitória da Conquista possui características semelhantes ao que se encontra em outros centros urbanos, partindo das descrições costumeiramente associadas à essa época. Isso porque uma das peculiaridades da contemporaneidade é justamente a extensão de seus efeitos que, por intermédio das tecnologias modernas, conectam e familiarizam estilos de vida em áreas bem diferentes do globo.

Além de muitas vivências semelhantes àquelas encontradas em grandes centros urbanos (espaços de lazer, *delivery*, *fast foods* etc.), a oferta fácil e descomplicada de tecnologias de comunicação (serviços de internet e de telefonia fixa e móvel, tv aberta e fechada, computadores, *ipads*, celulares), certamente é uma das principais responsáveis por interligar algumas vivências dos cidadãos da região a outras experiências pelo mundo afora, trazendo para esses sujeitos, possibilidades, desafios e interesses também compartilhados por pessoas que vivem em grandes metrópoles. Assim, qualquer um que possua determinados aparatos tecnológicos pode acompanhar as mesmas séries de televisão, gostar das mesmas bandas, assistir aos mesmos vídeos no *you tube*³ ou ter o mesmo modelo de celular ou acessório que um nova iorquino, por exemplo. Trata-se do que Hall (2005) afirma ser um efeito profundo da globalização sobre a forma como as identidades locais são representadas e localizadas.

Dessa maneira, é possível afirmar que Vitória da Conquista possui características contemporâneas no que se refere à liberdade dos modos de vida, à diversidade das trajetórias e das escolhas, aos impactos da globalização, aos padrões de consumo, dentre outros. Do mesmo modo, poder-se-ia dizer que o cidadão conquistense está vulnerável às mesmas inseguranças e sentimentos que o novo estilo de vida acarreta, no qual quase to-

³ Site (www.youtube.com) que permite que qualquer usuário carregue e compartilhe vídeos em formato digital. Hospeda uma grande variedade de filmes, videoclipes e materiais caseiros.

das as responsabilidades e pressões recaem sobre a pessoa (SENNET, 1999). Portanto, pesquisar, nesse município, as narrativas individuais acerca do que pensam sobre as carreiras contemporâneas é uma proposta válida na medida em que as características da atualidade não estão isoladas em partes específicas do globo, mas espalhadas em diversos cantos pelo planeta, disseminadas nos mais variados territórios.

3.2. O instrumento de coleta de dados

Nesse estudo optou-se pelo uso da entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados qualitativos. Foi elaborado um roteiro de entrevista que guiou o tipo de informação a ser obtida dos participantes. O tema foi investigado de maneira informal, tentando manter a naturalidade do diálogo, permitindo que conteúdos relevantes da narrativa de cada participante pudessem aparecer livremente. Para a construção do roteiro foram considerados aspectos elencados pelos teóricos sociais como características das carreiras contemporâneas e seus impactos sobre a vida dos sujeitos.

Nesta pesquisa, em razão da proposta metodológica relatada anteriormente, o tratamento das informações considerou os aspectos objetivos e subjetivos das narrativas dos sujeitos, o contexto em que foram produzidos e a história pessoal dos participantes. Assim, evitou-se uma codificação acrítica dos relatos em categorias engessadas e pouco significativas. O estudo priorizou a análise do conteúdo através do delineamento de unidades de sentido pouco rígidas que permitiram a ascensão de contradições inerentes ao processo de subjetivação dos participantes. Portanto, durante o procedimento de análise, foi possível compreender os significados, vivências, ressignificações e valorações dos entrevistados a respeito de como percebem e experienciam o mundo do trabalho.

3.3. Os informantes da pesquisa

Participaram da pesquisa dez pessoas, cinco do sexo masculino e cinco do sexo feminino, com idade entre 28 e 51 anos. Todos os participantes possuem nível universitário e, na época da entrevista, residiam em Vitória da Conquista.

Os sujeitos que contribuíram para o estudo podem ser classificados como pertencentes à classe média em razão do poder aquisitivo, do estilo de moradia, do nível instrucional e, mesmo, pelos hábitos e costumes típicos dessa camada da população. Embora em número reduzido, apenas dez participantes, os resultados podem ser bastante esclarecedores para responder à questão principal dessa pesquisa que foi investigar de que maneira, através das narrativas obtidas nas entrevistas, as pessoas compreendem e valoram o mundo do trabalho e de como a opinião de cada entrevistado dialoga com o aporte teórico proposto por alguns teóricos sobre o assunto. A relevância desse estudo foi justamente focar o sujeito, sua experiência particular, suas possíveis estratégias de enfrentamento dos problemas desse tempo, seus sentimentos e suas opiniões, o que é melhor de ser examinado em uma abordagem qualitativa. Embora os resultados descrevam os participantes dessa pesquisa em particular, não se pode ignorar que eles estão em contínua ligação com outras pessoas e outras experiências. Seus modos de perceber e vivenciar o mundo a sua volta estão, como entende Bakhtin (1997), em estreita relação dialética com a sociedade, refletindo muito do pensamento em circulação no grupo social no qual pertencem.

Ao realizar a caracterização da amostra, fica notório tratar-se de pessoas comuns, com estilos de vida semelhantes a uma grande parcela do grupo social. Não obstante, dentro desse universo, foram convidados a participar sujeitos com idades, empregos, orientação sexual e estado civil distintos, com o objetivo de dispor de informações e de opiniões sob variadas perspectivas, a partir de representantes diversos da coletividade. Segue abaixo uma tabela com alguns dados gerais sobre os informantes, acompanhados de um perfil mais detalhado a respeito de cada entrevistado (os nomes são fictícios, para preservar o anonimato dos participantes):

Nome	Idade	Cor	Orientação Sexual	Graduação	Profissão
Amanda	29	branca	Heterossexual	Direito	“concurseira”
Karina	31	branca	Heterossexual	Psicologia	psicóloga clínica
Nora	51	branca	Heterossexual	História	bancária
Roberta	45	branca	Homossexual	Letras	dona de casa
Sabrina	32	branca	Heterossexual	Fisioterapia	Fisioterapeuta
André	33	branco	Heterossexual	Administração	servidor público federal
Daniel	31	pardo	Homossexual	Administração	servidor público federal
Gabriel	28	pardo	Heterossexual	Enfermagem e Administração	enfermeiro e comerciante
Rodrigo	44	pardo	Heterossexual	Marketing e Propaganda	bancário
Rafael	31	branco	Heterossexual	Publicidade	servidor público federal

Tabela 01. Perfil dos entrevistados

3.4. O método de análise dos dados

A pesquisa buscou, no primeiro momento, uma aproximação com aspectos subjetivos dos participantes, tentando compreender como cada sujeito significa o mundo do trabalho a sua volta. Para isso, as narrativas foram retomadas e analisadas de modo a permitir que as especificidades dos depoimentos e as condições de vida de cada participante pudessem ser reveladas.

Dessa maneira, os dados das entrevistas foram analisados através do método de análise de conteúdo proposto por González Rey (2011). Este autor faz uma análise substancial da investigação qualitativa e seus diversos usos nas Ciências Sociais, tendo um enfoque nas propostas metodológicas de base qualitativa. Tal método mostrou-se adequado para contemplar o objeto de pesquisa, uma vez que costuma ser bastante utilizado em estudos que visam analisar aspectos da subjetividade humana, presentes ao investigar

dados relativos à vida profissional e à construção de sentido de cada entrevistado sobre a carreira contemporâneas.

A proposta desse autor para o seu método de análise de conteúdo difere do que classicamente é adotado para esta metodologia. Dessa maneira, ele informa que

a análise de conteúdo, tal como é considerado tradicionalmente, apresenta a dificuldade de que a codificação trabalha com informação evidente e leva a uma taxionomia de categorias substitutivas da riqueza do material analisado, que resultam reificadas pelo pesquisador e se comportam como um código objetivo e estático (...). (GONZÁLEZ REY, p. 143, 2011).

Mais adiante no texto, afirma:

A análise de conteúdo, no entanto, pode ser orientada para a produção de indicadores sobre o material analisado que transcendam a codificação e o convertam em um processo construtivo-interpretativo. Essa forma de análise de conteúdo é aberta, processual e construtiva e não pretende reduzir o conteúdo a categorias concretas restritivas. (GONZÁLEZ REY, p. 146, 2011).

O que González Rey (2011) defende é um maior cuidado com as operações interpretativas na análise das informações devendo levar em consideração o enfoque teórico adotado na investigação, a complexidade da relação entre a interpretação e o objeto estudado e, não menos importante, os processos intelectuais do pesquisador no desenvolvimento das análises. Partindo dessa abordagem, a crítica é feita ao caráter eminentemente instrumentalista e verificador, no qual a análise de conteúdo clássica considera que um texto pode ser acessado objetivamente por meio de técnicas empregadas na análise.

Tal preocupação faz lembrar o que assevera Bakhtin (1997) ao apresentar duas formas de conhecimento possível, que são: o conhecimento da “coisa” – um objeto morto que permite uma relação imparcial do pesquisador que busca resultados exatos, mecânicos, dogmáticos e monológicos, a partir de um interesse prático bem delimitado – e o conhecimento do “sujeito” – inerentemente vivo, livre, dinâmico, dialógico e pessoal. Nesse último caso, haverá sempre a relação do pesquisador com o seu objeto, que se dá a

conhecer. Para tanto, o pesquisador precisa se envolver com o tema de investigação através de uma relação dialógica, estando atento ao que herdou do discurso alheio e como o seu próprio discurso questiona e contribui para o seu objeto de investigação, escolhendo os caminhos e métodos que melhor revelam o seu objeto.

Portanto, partindo dos pressupostos de Bakhtin (1997) e González Rey (2011), os relatos das entrevistas foram analisados à luz das significações produzidas na construção teórica desse estudo – o discurso acadêmico e o caráter pessoal da experiência contemporânea – levando em consideração que a narrativa de cada participante conta um pouco da história particular de cada um, o que lhe coube viver da realidade social, como significou as suas experiências de vida e a forma não repetível de subjetivação de cada sujeito.

No próximo tópico, serão discutidos os relatos dos entrevistados a respeito das experiências e significados da carreira na contemporaneidade.

4. Resultados e discussão: o discurso dos sujeitos contemporâneos

O interesse em compreender a construção de sentido dos sujeitos a respeito da carreira na contemporaneidade partiu da percepção da dinâmica contraditória e pluriterminada que envolve este período da história. Os tipos de relações estabelecidas pelos informantes, seus depoimentos e suas estratégias para lidar com o cotidiano e com as mudanças ocorridas no mundo foi o que motivou a pesquisa, ajudando a responder ao questionamento sobre como as pessoas significam aspectos do mundo a sua volta, o que implica, necessariamente, uma aproximação com determinados fatores considerados pelos estudiosos como contemporâneos.

Uma das inferências extraídas dos depoimentos coletados foi que, nas diversas situações em que o sujeito se envolve, sua conduta está sob controle de características do ambiente, que ajudam a modelar o tipo de estratégia e de modelo de comportamento que a pessoa adota diante dos eventos sociais. Assim, foi importante efetuar as análises dos relatos partindo de uma compreensão da complexidade dos contextos e das relações soci-

ais que envolvem os sujeitos, para além do discurso da Teoria Social sobre o tema da carreira contemporânea.

Os depoimentos dos entrevistados revelam como, na prática diária, os sujeitos se apropriam do mundo em que vivem, sentem seu impacto e respondem a ele de alguma maneira. Através dos relatos obtidos, notou-se certa congruência nos modos de vida, uma vez que existe um modelo de conduta normal e típica aprendida na convivência comunitária, embora as construções de sentidos a respeito desses modos de vida tenham variado de um informante para o outro. Assim, foi possível encontrar discursos com um elã pessimista sobre os eventos que permeiam a carreira contemporânea, do mesmo modo que se encontrou um tom entusiasmado e otimista para descrever o mesmo aspecto. A partir das narrativas dos participantes, duas unidades de sentido distintas e antagônicas foram encontradas:

a. *Mercado de trabalho como fonte de oportunidade e realização*: gostam do trabalho e se sentem realizados pessoal e/ou financeiramente. Estão satisfeitos com a trajetória profissional ou com as decisões de carreira até o momento da entrevista. Esse perfil apareceu frequentemente associado a ideias favoráveis em relação ao mercado de trabalho contemporâneo.

b. *Mercado de trabalho como fonte de preocupação e insatisfação*: Estão insatisfeitos com as atividades que realizam, com o tempo da jornada laboral, com o retorno financeiro obtido através do trabalho e/ou com uma situação de desemprego. Esse perfil apareceu frequentemente associado a ideias desfavoráveis em relação ao mercado de trabalho contemporâneo.

Não obstante, em nenhuma entrevista foi encontrada uma percepção unicamente de desacordo com a experiência profissional possível na contemporaneidade. Assim, o sujeito à deriva de Sennet (1999), com uma constante sensação de vazio, conforme aponta Lipovetsky (2005) e demasiado ansioso e angustiado, segundo Bauman (2005), não são o tipo de sentimento descrito como prevalecente pelos entrevistados. Por vezes, os relatos de insatisfação com a carreira atual teve por foco acontecimentos muito particulares e

não diretamente vinculados às características associadas à contemporaneidade, outras vezes, resultantes realmente de desacordo com aspectos presentes nessa época. Importante ressaltar que cada entrevista teve por foco coletar dados referentes à opinião dos informantes para questões diretamente vinculadas à carreira e somente a partir das respostas obtidas é que foi realizado um paralelo com as construções teóricas descritas anteriormente. Seguem, especificamente, as unidades de sentido encontradas e a discussão pertinente.

4.1. Mercado de trabalho como fonte de oportunidade e realização:

Sennet (1999) afirma que a pós-modernidade impõe um ritmo de trabalho frenético aos sujeitos, retirando deles a autonomia e o controle sobre a própria empregabilidade. No mundo do trabalho, surge uma sensação de falta de controle, insegurança e instabilidade, gerada pela exigência desmedida por pessoas flexíveis e sem garantias de estabilidade profissional. Não obstante, a noção de flexibilidade também possui um viés positivo, ao estar associada às novas opções e possibilidades profissionais, conforme é possível perceber nas opiniões dos informantes abaixo transcritas:

Pesq.: *Você acredita que o mercado de trabalho hoje piorou ou melhorou em relação ao mercado de trabalho de décadas atrás?*

Karina: Não sei... eu acho que hoje em dia existem áreas que naquela época não existiam né? Como a gente falou no começo, tecnologia, tem muita coisa nova né, muitas áreas que há cinquenta anos atrás não existiam ainda, então tem ramos novos, possibilidades novas e acho que não sei, cinquenta anos atrás era provável que tinha muita gente ainda que trabalhava na zona rural, hoje em dia, acho que tá muito mais focado na área urbana né? As pessoas têm essa tendência de ir mais pra área urbana do que continuar na zona rural, pelo menos da região que eu venho. Há cinquenta anos atrás a maioria das pessoas vivia da agricultura né? Acho que agora tem mais empregos. Não sei se todo mundo é beneficiado, mas tem mais áreas, mais possibilidades de trabalho.

Rodrigo: *Eu acho que hoje é melhor. Acho que hoje é melhor... você tem mais opções.*

Roberta: *Eu acho que é melhor né? O pessoal tá mais...eu acho que o país vive um momento melhor também... de empresas, de multinacionais, de abertura. Eu acredito que tá bem melhor pra você trabalhar. Quem tem um estudo né? Quem tem um know-how, eu acho que tá bem melhor.*

Pesq.: De modo geral você acha o mercado de trabalho de hoje complicado?

Rafael: *Hum... Depende muito do profissional, se o profissional realmente se dispor (sic) a ser um bom profissional, tiver uma capacitação pro mercado, se portar bem, tiver um bom visual, que hoje conta muito e saber levar um bom currículo, falar inglês, ter bons cursos, bons contatos, eu creio que o mercado de trabalho tá aberto aí, o que mais tem é vaga.*

Esses discursos dos entrevistados encontram respaldo num mercado de trabalho mais competitivo e mais demandante por sujeitos bem preparados e abertos a mudanças, que vieram acompanhadas de maiores oportunidades de inserção profissional. No Brasil, a página do Ministério da Educação⁴ aponta o surgimento de um significativo número de novos cursos de graduação nos últimos anos, numa clara necessidade de atender às recentes demandas do mercado de trabalho por profissionais especializados e com repertórios e conhecimentos não contemplados pelas habilitações tradicionais. O mesmo é possível dizer da expansão dos cursos de pós-graduação e dos novos campos técnicos de inserção profissional que antes não existiam.

Nos depoimentos da maioria dos entrevistados, foi constatada ainda a busca e/ou a conquista de trabalhos estáveis e seguros (garantias legais como férias, seguro-desemprego, aposentadoria etc) ou, ainda, uma despreocupação com a estabilidade pro-

⁴ <http://portal.mec.gov.br/index.php>

fissional (caso de Rafael e Karina). Esses relatos encontram-se na contramão de algumas descrições do trabalho associadas à contemporaneidade, como um risco perene e angustiante (SENNET, 1999), resultante de um empreendimento cada vez mais exigente dos esforços individuais para garantir a manutenção do emprego, conforme afirma Antunes (1998). Mesmo entre as duas informantes atualmente inativas, uma considera ser esta uma situação provisória (caso de Amanda) ou consequência de uma decisão individual de encerrar a carreira (caso de Roberta). Seguem alguns excertos a respeito da discussão acima:

Pesq.: *Você optou por concurso público por que razão?*

Amanda: *Optei pelo concurso público por basicamente dois motivos. Além da estabilidade financeira, presto concurso para o topo da carreira jurídica. Então, no caso eu estaria galgando e alcançando as duas coisas ao mesmo tempo (...). A estabilidade é fundamental pra mim. Assim, financeira também. Então é, não conseguiria viver em risco, por isso optei pelo concurso, que é mais seguro... Foi esse um dos principais atrativos né? A estabilidade.*

Pesq.: *Você trocaria seu atual concurso por um outro emprego?*

Daniel: *Por um outro? Só trocaria por outro emprego estável também.*

Pesq.: *Pra você estabilidade é uma coisa importante?*

Daniel: *Importante, muito importante...*

Pesq.: *Você conseguiria lidar bem com um trabalho que não tivesse estabilidade, mas que tivesse mais empreendedorismo, mais desafios?*

Daniel: *Não, não. Prefiro a estabilidade do que os desafios, acho que a gente encontra desafios onde há estabilidade.*

Pesq.: *Está satisfeito com os seus trabalhos? Eles te trazem realização profissional?*

Gabriel: *Estou. Estou. Trazem sim (...). Em um eu posso trabalhar essa área empreendedora, já que tenho empresa familiar e na outra tenho estabilidade, então, eu posso... eu consigo usufruir dos dois lados entendem? No caso, o emprego e o comércio são coisas diferentes.*

Pesq.: *Então você diria que quantos empregos você teve ao longo da sua vida?*

Roberta: *Tive só dois. Como policial e professora (...) Quase 20 anos.*

Pesq.: *Para você é importante ter essa estabilidade do concurso?*

Rafael: *Não.*

Pesq.: *Você disse que a estabilidade não pesa tanto, mas seus dois vínculos formais foram concursos públicos.*

Rafael: *É. Eu não acho que pese, eu acho que foi uma oportunidade que eu tive né, mas eu gostaria muito hoje trabalhar na área privada, na minha área de formação e no que eu gosto de fazer, na área de marketing e tecnologia, eu creio que é um campo em expansão, totalmente crescente, principalmente a área de tecnologia e marketing na Internet, eu tenho conhecimento na área, conheço amigos que trabalham na área, que tem bons empregos, tem bons salários e que tem possibilidades de trabalhar em qualquer parte do Brasil, acho que eu trabalharia...seria bem feliz com isso, eu só não largo devido a minha família aqui.*

Pesq.: *Você já trabalhou em algum outro lugar antes do seu atual emprego? Onde e por quanto tempo?*

Karina: *Sim. Trabalhei no Banco do Brasil por sete anos e trabalhei na prefeitura da minha cidade natal por três anos e antes disso também eu passei dois anos dando aula de Inglês numa escolinha primária, uma escolinha infantil.*

Pesq.: *Então você tinha estabilidade? Seu emprego da prefeitura e o do Banco do Brasil eram concursos?*

Karina: *Sim.*

Pesq.: *Atualmente você tem estabilidade?*

Não, não. Atualmente eu sou autônoma.

Pesq.: Qual sua opinião então sobre estabilidade? Traz alguma insegurança ser autônoma?

Karina: *Por muito tempo pra mim o mais importante era ter um trabalho estável, não sei se não era muito uma ideia que eu construí, mas foi uma ideia que a minha mãe colocou na minha cabeça, minha mãe sempre quis que eu prestasse concurso e que eu passasse em concurso, que eu fosse concursada. Então na época em que eu estava prestando vestibular, eu prestei o concurso da prefeitura, o concurso do Banco do Brasil, eu fui aprovada nos dois, aí trabalhei na prefeitura quase três anos até o Banco do Brasil me chamar. Mas como o trabalho no banco estava sendo muito desgastante pra mim, não era o objetivo da minha vida, não era a minha área de formação, não era uma coisa que me dava prazer no sentido de lidar com as pessoas... eu gostava do trabalho que eu fazia, mas o esquema de trabalho do banco, de pressão, de metas, de vender produtos, era uma coisa muito aversiva (sic) pra mim, era uma coisa que eu não gostava e que era... que me trazia muito sofrimento, então eu preferi abrir mão da estabilidade pra trabalhar com alguma coisa que me desse prazer.*

4.2. Mercado de trabalho como fonte de preocupação e insatisfação:

Alguns informantes demonstraram descontentamento com a trajetória profissional ou com o atual emprego, partindo de quatro queixas centrais: muito tempo dedicado ao trabalho, falta de estabilidade e/ou de garantias legais, insatisfação financeira e ausência de identidade com as atividades realizadas, normalmente associadas à rotina e à falta de desafios no trabalho, muito embora a característica premente atribuída à contemporaneidade seja exatamente a flexibilização e os novos desafios das carreiras multifuncionais, estando na base da insatisfação dos sujeitos, conforme anuncia Appel-Silva e Biehl (2006):

O trabalho flexível engendrou uma série de concepções contraditórias e impeditivas de os sujeitos apresentarem um trabalho satisfatório e exitoso, colocando-os à mercê do desemprego e da culpabilização pela própria empregabilidade. Desse modo, o trabalho flexível tornou-se uma possibilidade constante de fracasso em uma época histórica em que o valor do sujeito passou a ser baseado nas ideias sobre sucesso-fracasso, aplicadas aos mais variados âmbitos

da vida. A possibilidade de fracasso no trabalho instigou uma subjetividade marcada por um medo contínuo (p. 519).

Assim, os depoimentos de insatisfação não se direcionaram para o tipo de conflito profissional descrito como tipicamente pertencente à época atual. Tais queixas se relacionaram, principalmente, às expectativas financeiras não atendidas, problema base do capitalismo, presente neste período mais recente da história, mas não produzido agora. Do mesmo modo, alguns entrevistados descreveram possuir um trabalho estável, mas rotineiro e pouco desafiador, o que também não é compatível com as características associadas à contemporaneidade pelos teóricos discutidos anteriormente. Seguem alguns trechos:

Pesq.: *Você se sente realizado profissionalmente hoje? Por que razão?*

Daniel: *Não. Salário, remuneração. Gosto do trabalho. Trabalho com Recursos Humanos, eu sempre trabalhei, eu gosto, gosto muito. Financeiramente não é atraente... não estou realizado por isso.*

Pesq.: *Está satisfeita com o seu trabalho?*

Nora: *Satisfeito a gente nunca está.*

Pesq.: *Por quê?*

Nora: *Pela questão do salário, que eu acho que não tá tão bom... E o que mais? Mais no geral sabe?*

Pesq.: *O que te incomoda mais?*

Nora: *Mais é o financeiro.*

Pesq.: *Mas suas funções, suas atividades são coisas que lhe dão prazer? Você gosta de fazer?*

Nora: *É muito mecânico, lá a gente não tem muita variação... A rotina é a mesma, mesmo porque eu também não estou procurando, eu já cheguei num estágio que eu não estou mais querendo mudar, ideia de crescer, então, tem uma rotina mesmo entendeu?*

Pesq.: *Esse trabalho no banco normalmente é rotineiro ou é um trabalho que abrange muitas atividades imprevisíveis, mais desafiadoras?*

Rodrigo: *Não. É mais rotineiro mesmo. Tem algumas coisas que você acaba, alguns problemas que você soluciona, aqueles que são diferentes, que de vez em quando aparece, mas é o mínimo.*

Só que ocupa muito tempo.

Pesq.: Você disse que é uma pessoa ansiosa. Por que razão?

Rodrigo: *Eu acho que por causa do trabalho, você não sabe o dia de amanhã. Eu acho que é por causa disso.*

Pesq.: Está satisfeito com o seu trabalho?

Rafael: *Em parte sim, gosto do ambiente, gosto das amizades que eu fiz lá, mas em relação ao serviço em si, não estou satisfeito não, não é o serviço mais desejado do planeta ficar o dia todo escrevendo, é... textos que eu não gostaria de estar escrevendo em lugar nenhum. Eu queria que o meu trabalho fosse mais dinâmico, gosto de criar, de me envolver, de eventos, de estar em coisas mais ativas e o trabalho é muito isolado, muito cansativo, exige muito a parte mental e sem criatividade nenhuma.*

André: *Olha, eu acho que pra trabalho eu tenho tempo até demais. Eu acho que as oito horas de trabalho, elas sobram um pouco assim. Se eu for pesar de fato, poderia fazer o que eu faço em menos, em muito menos... desde que o sistema, o trabalho fosse diferente, tivesse uma cobrança diferente. Se me cobrassem somente por resultados, eu poderia trabalhar menos e talvez até produzisse mais... mas pela características de trabalho, eu acho que sobra tempo, sobra tempo pra o trabalho e falta para o lazer... não só o lazer, mas outras atividades de enriquecimento como ser humano, de vida...*

Pesq.: Está satisfeita com o seu trabalho?

Sabrina: *Não.*

Pesq.: Você é prestadora de serviço, então você não possui vínculos formais de trabalho, estabilidade, aposentadoria, férias?

Sabrina: *Nada. Prestadora de serviço. Ganho pela hora de trabalho, por isso trabalho tanto.*

Pesq.: E por que você não está realizada profissionalmente nesse lugar?

Sabrina: *Sete anos e meio sem nenhuma garantia, sem uma progressão de carreira, a gente que começa...quem começa agora ganha a mesma porcentagem de quem começou a um tempo atrás,*

que investiu mais tempo na formação e sem falar que a gente compartilha, a gente divide o nosso conhecimento é o diferencial, assim, de quem trabalha com criatividade...

Todavia, nos relatos de Rodrigo, André e Sabrina também foram encontradas queixas referentes à quantidade de horas em que são obrigados a se dedicar ao trabalho, interferindo no tempo que resta para as demais atividades e interesses. Houve, ainda, reclamações sobre a falta de estabilidade no emprego (caso de Rodrigo) ou a falta de garantias legais como aposentadoria, férias e décimo terceiro (caso de Sabrina que trabalha como autônoma). Assim, os discursos dos teóricos sociais sobre a época do trabalho flexível, suas exigências e ausências de garantias, embora não tenham sido a queixa prevalente entre os entrevistados, apareceram no depoimento de dois informantes, indicando que características próprias da atual conjuntura podem impactar determinados sujeitos, gerando insegurança e sofrimento, em congruência com o que assinala alguns estudiosos como, por exemplo, Sennet (1999), Berman (2005), Ferretti (1992), dentre outros.

Não obstante, os tipos de queixas, descrições, expectativas e juízos de valor a respeito do mundo profissional foram bastante distintos entre os entrevistados, não sendo possível assegurar uma única maneira de experienciar o trabalho contemporâneo, nem uma única maneira de ser afetado pela conjuntura atual. Entre os informantes, algumas ideias sobre a própria situação laboral são, inclusive, paradoxais, como é o caso de Rafael que, em seu depoimento sobre o trabalho, relata insatisfação laboral em razão da rotina desinteressante e, em outras situações, indica estar realizado com a sua dinâmica profissional diária, razão pela qual o seu depoimento serviu de exemplo para as duas unidades semânticas opostas sobre o significado do trabalho.

5. Considerações finais

A discussão sobre os impactos de características contemporâneas sobre as carreiras atuais é relevante, uma vez que se propõe a descrever o agora, o estado atual das coisas, incluindo o ambicioso projeto de divulgar a maneira como certa conjuntura macrosocial afeta os sentimentos, as experiências e os comportamentos das pessoas que

habitam esse mundo. Assim, não se trata de desvendar um passado histórico, mas de revelar a dinâmica dos fatos atuais e os seus efeitos sobre trajetórias de vida que estão acontecendo agora.

Tal empreitada possui alguns méritos. Um deles é analisar determinados aspectos da contemporaneidade, para os quais não é possível ignorar a existência. Não se pode negar, por exemplo, que a humanidade vive hoje numa espécie de “aldeia global”, como assevera McLuhan (1972), proporcionada pelas recentes tecnologias da informação. Também é um fato que os recursos tecnológicos ajudaram a construir outra noção de tempo e espaço, que os acontecimentos se sucedem de maneira mais rápida e que novas demandas profissionais surgiram como resultado de tantas mudanças. Os diversos teóricos sociais citados ao longo desse texto possuem ainda o mérito de proporem os efeitos desse período sobre a vida das pessoas, para os quais muitos sujeitos podem sentir como uma descrição verdadeira de sua própria realidade.

A grande questão que impulsionou este trabalho não foi a descrição dos eventos objetivos atribuídos por muitos como pertencentes à contemporaneidade, mas a dúvida em relação ao discurso proeminente da Teoria Social que descreve efeitos certos desses eventos sobre as vidas das pessoas. Assim, existe certo tom negativo ao descrever o destino da humanidade nesse período contemporâneo da história, dando a impressão de que os homens e as mulheres de agora vivem com a constante ameaça de um abismo sob seus pés. Afinal, qual seria o resultado de uma desestruturação e de uma desconstrução progressiva? Ao se falar de angústias e incertezas decorrentes das novas exigências profissionais, para qual destino a humanidade estaria caminhando?

Foi o caráter profético de algumas descrições da Teoria Social que gerou o interesse por esta pesquisa. Assim, não se pode negar que toda a conjuntura atual tenha efeitos sobre as carreiras, nem que tais efeitos podem ser, por vezes, desestruturantes e nocivos para muitos. Não obstante, partindo dos relatos dos informantes, chegou-se à conclusão de que existe, certamente, alguma autonomia entre os sujeitos que está em jogo ao estabelecer o projeto profissional, as expectativas e a maneira de sentir e lidar com os

desafios do mundo do trabalho. Essa ideia está na base do que Certeau (1994) descreveu como as pequenas astúcias, as microliberdades e as microrresistências humanas.

No discurso dos entrevistados, não se pode afirmar, também, que as características da atualidade possuam, predominantemente, efeitos positivos para o implemento da carreira. Há de se lembrar que a contemporaneidade é um fenômeno complexo e multideterminado (ALVES, 2008), para o qual qualquer definição exata entra em desajuste com a realidade concreta de existência. Eis porque se defendeu nesse estudo que o próprio sujeito é o “melhor teórico” da realidade em que vive. É a ele que é possível atribuir a descrição dos impactos desse tempo sobre a própria vida e trabalho. Assim, as percepções serão distintas e, ao mesmo tempo, permeadas por discursos e narrativas socialmente construídos.

Tal pensamento está em consonância com as concepções de Sousa Santos (1989), para o qual o conhecimento científico – dos teóricos sociais, por exemplo – deve sempre estar relacionado com o conhecimento do senso comum – dos informantes da pesquisa, nesse caso – permitindo a construção de um saber, que somente assim, pode ser útil para ambos. Desse modo, assinala: “deixou de ter sentido criar um conhecimento novo e autônomo em confronto com o senso comum (...) se esse conhecimento não se destinar a transformar o senso comum e a transformar-se nele” (p.147). E finaliza a ideia ao afirmar que o saber científico deve estar comprometido com “a sua própria transformação numa comunidade científica não necessariamente menos científica, mas certamente mais comunitária” (p. 147).

O fato é que este estudo, ao interpelar os sujeitos sobre o atual mundo do trabalho, buscou manter uma visão dialógica sobre o tema. Não obstante, Bakhtin (1997), ao fazer suas observações sobre a epistemologia das Ciências Humanas, afirma que esse caminho, embora mais rico, é também mais arriscado, uma vez que questiona dogmas já estabelecidos, podendo causar descontentamento em possíveis interlocutores. Assim, tratar os participantes de uma pesquisa como sujeitos que também têm algo a dizer e não como um objeto coisificado de quem se fala, implica em uma escolha metodológica mais

empolgante, porém mais complicada de ser efetuada, visto que abala posições já asseguradas.

Para tornar viável essa escolha, a metodologia de análise de conteúdo de González Rey (2011), adotada nessa dissertação, se mostrou bastante apropriada, ao ajudar a compreender os movimentos dos sujeitos e seus sentimentos de potência e/ou impotência no grupo do qual fazem parte. Ao final, obteve-se uma complexa trama de narrativas, em congruência com uma realidade também complexa, em que emergiram algumas singularidades de cada sujeito e de sua visão do mundo pós-moderno, muito mais como um sentimento de pertencimento, do que afastamento da vida social.

Esse caminho foi necessário, dados os questionamentos iniciais que originaram essa investigação. De acordo com Stam (1992) a noção de dialogismo do círculo bakhtiniano pressupõe que a cultura é, em sua natureza, não-unitária, sendo um espaço em que discursos diversos coexistem em relações de constantes trocas e oposições. Tal premissa resume a filosofia que embasa esta pesquisa e que culminou nos informantes e em suas narrativas a respeito da carreira na contemporaneidade.

CAREERS IN THE CONTEMPORARY: SPEECH OF SOCIAL THEORY AND WHAT THE CONTEMPORARY SUBJECT THINK

ABSTRACT: This paper aims to investigate the views of adults in a brazilian urban centre about the contemporary career, in order to understand to what extent the speeches of these people are closer or more distant of the current career characteristics attributed by scholars of Social Theory. Proved relevant to approach the theme from the perspective of the subjects, since important theoretical consequences propose the working world about people, without considering what they think about the issue. To investigate the problem, it was conducted semi-structured interviews with ten informants. The interviews were analyzed using content analysis method proposed by González Rey. Results indicated that the people's speeches about the world of work to which they belong are more optimistic and not always approach of the speeches of social theorists, realizing that time a complexity that makes it difficult to label.

KEYWORDS: Career; Contemporary; Speech; Language; Subjectivity.

Referências

- ALVES, Luciano. A Controvérsia do Pós-Moderno. *Coletâneas do Nosso Tempo*. Rondônia: UFMT, v. 7, n. 7. 2008. Disponível em: <<http://200.129.241.94/index.php/coletaneas/article/viewFile/77/36>>. Acesso em: 03 set. 2012.
- ANTUNES, Ricardo. *Adens ao Trabalho?* ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 5ª ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1998.
- APPEL-SILVA, Marli; BIEHL, Kátia. *Trabalho na pós-modernidade: crenças e concepções*. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, v.6, n.2, p. 518-534. set. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v6n2/11.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Maria Ermanita Pereira (trad.). 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. *Vidas desperdiçadas*. Carlos Alberto Medeiros (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Ephraim Ferreira Alves (trad.). v. 1. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.
- EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- FERRAZ, Ana Emilia. *O urbano em construção: Vitória da Conquista - um retrato de duas décadas*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2001.
- FERRETTI, Celso. *Uma nova proposta de orientação profissional*. São Paulo: Cortez, 1992.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Raul Fiker (trad.). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. *Pesquisa qualitativa em psicologia*. Marcel Ferrada Silva (trad.). São Paulo: Cengage Learning, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2. ed., São Paulo: Ática, 1997.

KILIMNIK, Zélia; CASTILHO, Isolda, SANT'ANNA, Anderson. Carreiras em Transformação e Seus Paradoxais Reflexos nos Indivíduos: metáforas de carreira e de competências. *Comportamento organizacional e gestão*. v. 12, n. 2, p. 257-280. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/cog/v12n2/v12n2a08.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Trad. de T. M. Deutsch. Barueri: Manole, 2005.

LYOTARD, Jean. *A condição pós-moderna*. Ricardo Corrêa Barbosa (trad.). 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

MAGALHÃES, Mauro; GOMES, William. Personalidades Vocacionais e Processos de Carreira na Vida Adulta. *Psicologia em estudo*. Maringá. v. 12, n.1, Jan.-Abr., p. 95-103, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n1/v12n1a11.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2010.

MCLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Editora Nacional; Editora da USP, 1972.

MOURA, Cynthia. *Orientação profissional sob o enfoque da análise do comportamento*. São Paulo: Alínea, 2004.

SENNET, Richard. *A Corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SOUSA SANTOS, Boaventura. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 3. ed., Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1989.

STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 1992.

Recebido em 30/06/2013.
Aprovado em 09/12/2013.